

O papel da mulher no radiojornalismo feirense: um recorte sobre os programas jornalísticos das rádios da Fundação Santo Antônio e do Grupo Lomes de Radiodifusão¹

Karol Pires FREITAS²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, no rádio, apenas 20,5% dos cargos são ocupados por mulheres (SCARDOELLI, 2019). E, de acordo com. Além de serem minoria, as mulheres também sofrem discriminação de gênero. De acordo com o estudo “Mulheres no Jornalismo Brasileiro”, feito pela organização de mídia independente Gênero e Número, em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI, 2017), 86,4% das respondentes admitiram já ter passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho. O levantamento foi realizado entre jornalistas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e São Paulo, locais em que se concentra o maior número de profissionais da área. O estado da Bahia também reflete a conjuntura nacional. Em uma matéria divulgada em março de 2020 pela Associação Baiana de Imprensa (ABI), algumas comunicadoras que atuam no estado da Bahia, entre elas, Manuela Avena (TV Aratu), Jéssica Senra e Luana Assiz (TV Bahia), compartilharam relatos sobre a discriminação sexista que enfrentam no âmbito profissional, materializada inclusive pela distribuição de pautas e cargos com base em estereótipos de gênero. As entrevistadas também afirmaram já ter sofrido assédio sexual e violência psicológica (GUEDES, 2020). Partindo destas observações, embora possamos identificar, em um cenário nacional e estadual que, na prática, há desigualdade de gênero com relação às mulheres jornalistas, os dados relativos às profissionais da comunicação e, em especial, do radiojornalismo, ainda são insuficientes, principalmente na cidade de Feira de Santana, Bahia. Academicamente, a produção tem se limitado ao contexto da mulher no jornalismo como um todo e pesquisas com recortes mais

¹ Trabalho apresentado na DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Salvador – BA, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Anísio Teixeira (FAT) e em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Integrante do grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Memória (COMUNIME), da UFRB, sob orientação da Profa. Dra. Hérica Lene Oliveira Brito. E-mail: karolfreitas@aluno.ufrb.edu.br.

específicos são raras, com alguns achados, por exemplo, acerca da mulher no jornalismo esportivo. Já nos portais de pesquisa online, em que, geralmente, podemos ter acesso a diversos conteúdos desenvolvidos na área, constatamos que não existem dados sobre tal questão no município. Além de não constarem as informações procuradas, o único evento que atende, em parte, à temática e que aparece nas primeiras páginas destes sites é o “II Encontro de Mulheres Jornalistas de Feira de Santana” (ONOFRE, 2015), que ocorreu há quase sete anos, em dezembro de 2015. Assim, diante da escassez de materiais sobre a presença feminina no radiojornalismo feirense, cabe a este trabalho investigar quais são os espaços ocupados por mulheres comunicadoras nos veículos em tela e como se estabelecem os vínculos entre estas profissionais e os seus colegas de ofício, tomando como objeto de estudo os programas jornalísticos das rádios da Fundação Santo Antônio e do Grupo Lomes de Radiodifusão, grupos que concentram o maior número de emissoras na cidade. Objetiva-se, com isso, avaliar se os veículos radiofônicos têm contribuído para a promoção da igualdade de gênero em seus quadros funcionais, entre profissionais do gênero feminino, masculino e de pessoas que se consideram não-binárias – isto é, não se identificam com apenas um dos gêneros (FACUNDO, 2021), uma das funções sociais do jornalismo (REMPEL). Além disso, esta pesquisa tem como objetivos específicos abordar, sem pretensão de exaustão, a bibliografia relacionada a gênero e poder no radiojornalismo; descrever e discutir sobre as rotinas produtivas nas emissoras em questão; verificar quais são os cargos ocupados por mulheres, suas posições hierárquicas e respectivas remunerações com relação a homens ocupantes de posições semelhantes, além de registrar seus principais desafios no exercício da profissão e suas percepções a respeito das questões de gênero e poder dentro do ambiente de trabalho. Para compreender as particularidades do objeto de estudo, urge destacar os principais referenciais teóricos a serem adotados, como a importância dos estudos pioneiros de John Money sobre gênero (COLLING, 2008) e da relação com o feminismo trazida por mulheres pioneiras ou pesquisadoras do feminismo (MARTINEZ; LAGO; LAGO, 2016), como Eleni Varikas, professora de Ciência Política e de Estudos de Gênero, na Universidade de Paris-VIII (CARLOTO, 2001). E, partindo da ideia de que a existência de gêneros seja a manifestação de uma distribuição desigual de responsabilidades na produção social da existência (CARLOTO, 2001), os reflexos das próprias relações de gênero, naturalmente, também tendem a ser desiguais. Assim, para refletir acerca das

relações de gênero e poder, podemos ressaltar a grande pertinência da obra de Aristóteles (MARTINS, 2018); Nicolau Maquiavel (1950; 1960; 1965); Norberto Bobbio (2002; 2004); Karl Marx (1985; 2008; 2009); Michel Foucault (1977; 1979; 1980; 1983; 1987; 1988; 1996; 2007); Max Weber (1968); e Pierre Bourdieu (1977; 1986; 2002). Na pesquisa em rádio, destaca-se o papel dos teóricos Ferrareto (2014); Chantler e Harris (1998); McQuail (2013); e Neuberger (2012). Com relação às rotinas produtivas, os trabalhos de Pena (2005) e Traquina (2004) são extremamente importantes, assim como Silveira, Sangaletti e Wagner (2018) com relevantes lições introdutórias. Apesar de existirem trabalhos sobre a presença feminina no jornalismo, estudos acadêmicos desenvolvidos sobre o papel das mulheres no contexto do rádio em Feira de Santana são mais escassos e generalistas, sobretudo no contexto das emissoras escolhidas como objeto de estudo. Recorrer à mera pesquisa bibliográfica tornaria o trabalho ainda mais complexo, podendo implicar, até mesmo, na ausência dos resultados tencionados. Sendo assim, para alcançar tais objetivos, busca-se adotar uma abordagem metodológica mista: exploratória, com levantamento bibliográfico, e quali-quantitativa, partindo da pesquisa de campo (GERHARDT e SILVEIRA, 2009), a fim de enriquecer o trabalho com relatórios provenientes de observação não-participante; aplicação de questionários e realização de entrevistas com as profissionais envolvidas; e análise de documentos institucionais – o que se justifica pela necessidade de compreender o funcionamento organizacional e combinar informações atinentes à natureza dos cargos ocupados por estas mulheres nestas emissoras, bem como suas percepções acerca das relações de gênero e poder dentro do ambiente laborativo. Tudo isso aliado à coleta de dados sobre o número de funcionários em cada uma delas, a proporção entre os gêneros, além da comparação de suas remunerações pecuniárias. O projeto está em andamento e, por esse motivo, nem todos os objetivos foram concluídos. A pesquisa exploratória, com levantamento bibliográfico já foi encerrada e, para ida a campo, aguarda-se a emissão do parecer inicial do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia. Tal rigor se justifica pois o projeto envolve seres humanos de forma direta, sobretudo no que tange ao manejo de seus dados e informações, apresentando, portanto, riscos, havendo a necessidade de apresentação dos instrumentos de coleta de dados (entrevista semiestruturada, questionários e baremas); Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a ser assinado pelas comunicadoras participantes da pesquisa; além da assinatura do Termo de

Confidencialidade por esta pesquisadora. A partir de agora, com o parecer favorável à realização da pesquisa de campo, pretende-se iniciar a sua aplicação prática, uma vez que o contato inicial com a direção de ambos os grupos empresariais já foi feito. De posse dos dados, haverá organização sistemática e devida análise das informações coletadas, com a finalidade de embasar a dissertação, enquanto produto final do mestrado em Comunicação, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos da referida instituição de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Gênero; Rádio feirense; Jornalismo; Comunicação.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO; GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. [s.l.]: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf> Acesso em: 26 out. 2020.
- BANDEIRA, Lourdes; MELO, Hildete Pereira de. Tempos e Memórias: **Movimento Feminista no Brasil**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010. Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Publicacoes/TemposeMemorias_MovimentoFeministaBrasil_2010.pdf>. Acesso em: 29 out. 2020.
- BARBOSA, Marialva. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. **Contracampo**, n. 12, 2005, p. 51-62. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17385/11022>> Acesso em: 29 out. 2020.
- BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault – Os arranjos disposicionais e a comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, vol. 6, nº 12, jul-dez, 2018.
- BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.
- _____. The Forms of Capital. In J. G. Richardson (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1986. P. 241-258.
- _____. Cultural Reproduction and Social Reproduction. In: J. Karabel, & A. H. Halsey (Eds.). **Power and Ideology in Education**. New York: Oxford University Press, 1977. p. 487-511.
- CALABRE, Lia. A era do Rádio - Memória e História. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22, 2003, João Pessoa. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História**,

acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em:
<<http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.379.pdf>>. Acesso em 30 out. 2020.

CAMPOPIANO, Letícia. Tratamento da mulher no Código Civil de 1916 e no de 2002. **JusBrasil**, 2016. Disponível em:
<<https://lecampopiano24.jusbrasil.com.br/artigos/339145700/tratamento-da-mulher-no-codigo-civil-de-1916-e-no-de-2002>> Acesso em 30 out. 2020.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes de; BRITO, Maria José Menezes. Relações de Gênero e Poder: Repensando o Masculino e o Feminino nas Organizações. In: **XXVI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD)**, 22 a 25 de setembro de 2002. Salvador: ANPAD, 2022. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2002-teo-1571.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, v. 3, n. 2, jan-jun, 2001, p. 201-213. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n2v3.pdf>> Acesso em: 29 out. 2020.

CASTRO, José de Almeida. História do Rádio no Brasil. **Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão**, 2014. Disponível em:
<<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil>>. Acesso em: 29 out. 2020.

COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação à Distância, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30887/1/eBook%20-%20Genero%20e%20Sexualidade%20na%20Atualidade.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2020.

FACUNDO, Matheus. Entenda o que é uma pessoa não-binária, identidade de gênero revelada por Bárbara Paz e Demi Lovato. **Diário do Nordeste**, 28 mai. 2021. Disponível em:
<<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/entenda-o-que-e-uma-pessoa-nao-binaria-identidade-de-genero-revelada-por-barbara-paz-e-demi-lovato-1.3091378>>. Acesso em 01 jun. 2021.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo**. Rio de Janeiro, XI COMPOS, 2002. Disponível em:
<<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=0&fcodigo=707>>. Acesso em 29 out. 2020.

_____; TERSO, Tâmara Caroline Almeida. Posicionamento discursivo, violência e cidadania: A construção do “Caso New Hit” no portal de notícias G1 Bahia. **Mídia e Cotidiano**, n. 5, 2014. p. 1-21. Disponível em:
<<http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/download/9724/6850>> Acesso em 29 out. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. Afterword: the subject and power. In: DREYFUS, L.; RABINOW, P. (Ed.). **Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics**. Chicago: University of Chicago, 1983. p.208-226.

_____. **A História da sexualidade:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso.** Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista *Ornicar*? In: FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits**, Tome III. Paris, Gallimard, 1994 [1977], p. 298-329.

_____. **Power/knowledge:** selected interviews and other writings by Michel Foucault. Brighton: Harvester, 1980. 303 p.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295 p.

_____. **Vigiar e Punir.** São Paulo: Atlas, 1987. 262 p.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GUEDES, Joseanne. Comunicadoras baianas falam sobre barreiras e exigem respeito. **Associação Bahiana de Imprensa**, 2020. Disponível em: <<https://abi-bahia.org.br/comunicadoras-baianas-falam-sobre-barreiras-e-exigem-respeito/>> Acesso em: 26 out. 2020.

HALL, Stuart, CHRITCHER, Chas, JEFFERSON, Tony et alii. A produção social das notícias: o “mugging” nos media. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.) **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

MACHIAVELLI, Niccolò (1950). **The discourses of Niccolò Machiavelli.** 2 vols. New Haven: Yale University Press.

_____. (1960-1965). **Opere.** 8 vols. Milão: Feltrinelli.

_____. (1965). **The chief works and others.** 3 vols. Durham: Duke University Press.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: Mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, 2004. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25426/14752>>. Acesso em 07 ago. 2021.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 360 p.

MARTINS, Maria Manuela Brito. Questões sobre a "teoria do gênero" na história da tradição filosófica grega. **Humanística e Teologia**, 39:2, p. 21-47, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Porto, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/humanisticaeteologia/article/view/9452/9326>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luis Bonaparte. In: ENGELS, F. **A revolução antes da revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. Proudhon. In: MARX, K.; ENGELS, F. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2009a.

_____. Manuscritos econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009b.

MARX, Karl; ENGELS, F. Teses contra Feuerbach (1845) (VI Tese). In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de José Arthur Gianotti; tradução José Carlos Bruni et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).

_____. A ideologia alemã. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MORGADO, Belkis. **A solidão da mulher casada: um estudo sobre a mulher brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O Rádio na Era da Convergência das Mídias**. Cachoeira: Editora UFRB, 2012.

ONOFRE, Jair. II Encontro de Mulheres Jornalistas de Feira de Santana. **Bahia na Política**, 2015. Disponível em: <<http://www.bahianapolitica.com.br/noticias/42436/ii-encontro-de-mulheres-jornalistas-de-feira-de-santana.html>>. Acesso em: 09 out. 2020.

PAGAMUNICI, Ana. O que é machismo. In: CANARY, Henrique (Org.). **O que é...: Conceitos fundamentais de política, economia e sociedade**. São Paulo: Sundermann: 2012.

PEÑA, Raúl Alberto Acosta. Producción y circulación de la noticia: el newsmaking. **Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 123, p. 64-75, 2013. Disponível em <<http://www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/download/55/67>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 a. p.167-234.

PITKIN, Hanna. Gênero e política no pensamento de Maquiavel. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº12. Brasília, setembro - dezembro de 2013, pp. 219-252. Disponível em: <<https://www.scielo.br/rbcpol/a/YQZKbyCdnH6ff4bGHxKBFPj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

PORTO, Zadir Marques. **O Rádio AM em Feira de Santana: sua história**. Feira de Santana: EMGRAF, 2017.

REINF, Laura. Macho palestrinha: entenda o que é mansplaining e maninterrupting. **Revista AzMina**, 21 ago. 2019. Disponível em: <<https://azmina.com.br/reportagens/mansplaining-e-maninterrupting-o-que-e-e-de-onde-vem-os-termos/#:~:text=O%20mansplaining%20acontece%20quando%20um,homens%20interrompem%20falas%20de%20mulheres>>. Acesso em: 01 jun. 2020.

REMPEL, Ronaldo Ely. **Função social do telejornalismo:** uma análise da série de reportagens "Fome" da Rede Globo de Televisão. Centro Universitário Univates, Curso de Jornalismo, Lajeado, 2016.

SANTOS, Marli dos; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa (Orgs.). **Mulheres no Jornalismo:** Práticas Profissionais e Emancipação Social. São Paulo: Casper Líbero, 2018. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Mulheres-no-jornalismo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020.

SAVI, Jéssica Campos. A origem do preconceito de gênero sob a perspectiva de Bobbio **Conteúdo Jurídico**, Brasília, 17 set. 2019. Disponível em: <<https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/53434/a-origem-do-preconceito-de-gnero-sob-a-perspectiva-de-bobbio>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**. Florianópolis, v.21, n.01, p. 121-149, jan/jun, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10210/9437/30510>>. Acesso em: 27 mar. 2022.

SCARDOELLI, Anderson. Mulheres ainda são minoria no jornalismo brasileiro. **Portal Comunique-se**, 2019. Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/mulheres-jornalistas-minoria/>>. Acesso em: 09 out. 2020.

SILVA, André. **Questões de gênero:** memória e narrativas de mulheres jornalistas em Belo Horizonte. Belo Horizonte: PUC-MG, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-andre-questoes-de-genero.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2020.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou:** do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo: Paulus, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004.

WEBER, Max. **Economy and Society:** an outline of interpretive sociology. New York: Bedminster, 1968.